



A relação entre a temática de Vidas Secas e o Quinze.¹

Felipe de Freitas CARNEIRO²
Taysa Tamara da Silva NUNES³
Tobias Arruda QUEIROZ⁴

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, RN

RESUMO

Os livros *Vidas Secas* de Graciliano Ramos e *O Quinze* de Rachel de Queiroz abordam da luta dos retirantes na busca de lugar digno para morar e trabalhar, porque a região em que moram é castigada todos os anos com o advento da seca. Sendo que o primeiro retrata cada fase que Fabiano e sua família passam, desde o afastamento da terra natal por causa da estiagem, a chegada a uma nova moradia, o inverno, e até, novamente serem submetido a uma nova viagem pelo motivo da seca. Já o segundo se dá em dois planos, um enfocando o vaqueiro Chico Bento e sua família que também são retirantes, o outro a relação afetiva de Vicente, rude proprietário e criador de gado, e Conceição, sua prima culta e professora.

PALAVRAS-CHAVE: Seca; Retirantes; O Quinze; Vidas Secas.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, o enfoque principal será a maneira em que os dois autores descrevem a seca. Levando-se em conta, a comparação entre aspectos tais como: linguagem; foco narrativo; diálogos; paisagem; psicológico e físico dos personagens; destino de suas vidas; e a reação diante da morte. Vale lembrar, que não será analisada a relação entre Vicente e Conceição, pois, o ponto de vista avaliado será as consequências da seca na vida retirantes e a forma com que os autores retratam-na.

¹ Trabalho submetido ao Intercom Júnior – Jornada de iniciação científica em comunicação, na modalidade II 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, realizado de 2 a 4 de julho de 2015.

² Graduando do Curso de Comunicação Social da UERN, email: ffcprofissional@gmail.com

³ Graduando do Curso de Comunicação Social da UERN, email: etay87@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação da UERN, email: tobiasqueiroz@uern.br



As duas histórias retratam longos períodos de seca, mas as principais semelhanças são as mudanças na vida dos personagens, que se vêem obrigados a se retirar das suas casas para fugir da seca. As duas narrativas são ricas em detalhes quanto ao cenário onde se passa o enredo.

Pretendemos investigar como o meio social e físico interfere na vida dos personagens dos livros *O Quinze* e *Vidas Secas*, de Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos respectivamente. Analisar a interferência do descaso sócio-político-econômico e do fator climático no psicológico e, conseqüentemente, no comportamento dessas pessoas.

A CRIAÇÃO

O romance *Vidas Secas* nasceu a partir de um conto chamado *Baleia*, que, aliás, é um dos capítulos do livro mais marcantes. Pois, fala da morte da cadela que é considerada da família e muitas vezes é tratada como gente.

A cachorra Baleia estava para morrer. Tinha emagrecido, o pêlo caíra-lhe em vários pontos, (...) As chagas da boca e inchação dos beijos dificultavam-lhe a comida e a bebida. Por isso Fabiano imaginara que ela estivesse com um princípio de hidrofobia (...). Então Fabiano resolveu matá-la. (...) e fez tensão de carregá-la bem a cachorra não sofrer muito. (...) Ela era como uma pessoa da família: brincavam juntos os três, para bem dizer não se diferenciavam. (RAMOS, 2000, p. 85)

Na construção de *O Quinze*, Rachel de Queiroz buscou retratar uma grande seca que ocorreu no nordeste brasileiro na década de 15.

LINGUAGEM E FOCO NARRATIVO

Os dois livros usam uma linguagem coloquial, simples devido às condições do local onde a história se passa o que dá um toque de veracidade muito maior para os livros. A narração, feita em 3ª pessoa, dá as obras uma postura neutra, ou seja, o narrador não interfere sentimentalmente na descrição dos cenários e dos dramas vividos pelos personagens. Eis aqui os trechos, os dois primeiros referentes à linguagem e os outros dois ao foco narrativo:



– Em todo pé de pau há uma galho mode a gente armar a tipóia... E com umas noites assim limpas até dá vontade de se dormir no tempo... Se chovesse, quer de noite, quer de dia tinha carecido se ganhar o mundo atrás de um gancho? (QUEIROZ, 1974, p. 44,45)

– Lorota, gaguejou o matuto. Eu tenho culpa de vossemecê esbagaçar dos seus possuídos no jogo? (RAMOS, 2000, p. 29)

Ele estendera a mão ossuda, e nos seus olhos doentios uma estranha faísca luziu: (QUEIROZ, 1974, p. 107)

Ela também tinha o coração pesado, mas resigna-se: naturalmente a decisão de Fabiano era necessária e justa. (RAMOS, 2000, p. 86)

No que diz respeito ao estudo da linguagem do livro *Vidas Seca*, pode-se destacar: o discurso indireto livre; o foco narrativo na terceira pessoa; as sínteses nos diálogos; e as figuras de linguagem como metáfora e prosopopeia.

Pode-se observar a questão da linguagem como perda de tempo e de energia. Os retirantes não podiam falar muito e nem cantar, porque perderiam forças para a viagem: sentiu desejo de cantar. A voz saiu rouca, medonha. Calou-se para não estragar força. (RAMOS, 1993: 12). Por achar perda de tempo, muitas vezes a família se privava de afetos, queriam conversar e trocar sentimentos, mas a situação em que viviam os obrigavam a poupar forças para enfrentar aquela situação tão dura: Era como se na sua vida houvesse aparecido um buraco. Necessitava falar com a mulher, afastar aquela perturbação [...]. (RAMOS, 1993: 20,21).

Fabiano admirava quem sabia falar, era sinônimo de autoridade. Justificava-se por nunca ter ido à escola, assim não podia defender-se do patrão e do soldado. Tomava como exemplo seu Tomás da Bolandeira, um homem que sabia se expressar direito. Fabiano tentava imitá-lo para mostrar que também tinha poder: O vocabulário dele era pequeno, mas em horas de comunicabilidade, enriquecia-se com algumas expressões de seu Tomás da Bolandeira (RAMOS, 1993: 26,27). Se soubesse falar direito não teria sido enganado pelo patrão, pelo dono do bar e pelo soldado: E insultou Fabiano, porque ele tinha deixado a bodega sem se despedir. [...] Fabiano impacientou-se e xingou a mãe dele. Ai o amarelo apitou, [...] Fabiano marchou desorientado, entrou na cadeia, ouviu sem compreender uma acusação medonha e não se defendeu. (RAMOS, 1993: 29,30).



Isso revela a relação que há entre a linguagem e o poder, o prestígio que tem um indivíduo por saber expressar-se.

DIÁLOGOS

Os diálogos de *Vidas Secas* são bem sintéticos, por se tratar de pessoas rudes, sertanejas, com pouco estudo. Já em *O Quinze*, há um enriquecimento no núcleo de Chico Bento e família, apesar de também serem do agreste, sabem até ler um pouco, assim os diálogos ganham um pouco mais de extensão. Outra característica que comprova o caráter realístico das obras. As seguintes passagens confirmam isto:

- Ladroeira(...)
- Hum! Hum! (...)
- Um bruto, está percebendo? (RAMOS, 2000, p. 95)

- Você já sabe, sinhá Aninha, que nós vamos por S.Paulo? (...)
- Meu Deus! E quando?
- Quando, Chico?(...)
- Depois de amanhã... (QUEIROZ, 1974, p. 108)

PAISAGEM

Os dois livros retratam fielmente a paisagem onde os nordestinos viviam, mostrando assim a realidade da estiagem no cotidiano dos sertanejos que tentam resistir. Os cenários são narrados com a precisão de alguém que já viveu essa realidade, como Rachel de Queiroz, o que deixa os leitores ainda mais maravilhados e, ao mesmo tempo, perplexos com o caráter não fictício do contexto social da obra.

. É importante salientar que em *Vidas Secas*, o autor não coloca a paisagem como personagem principal, pelo contrário, só entra em cena quando é indispensável. É como expõe Rolando Morel Pinto (In: FELDMANN, 1967): “Paradoxalmente nele (*Vidas Secas*) não se encontra a preponderância do ambiente, pois a ação interioriza-se na alma dos personagens e sente-se mais o sofrimento que as causas dele”.

Alguns fragmentos que descrevem retrata fielmente a realidade brasileira da época e dos dias atuais como injustiça social, miséria, fome, desigualdade, seca e dos retirantes. Através da história de seus personagens: Fabiano – nordestino pobre, ignorante que desesperadamente procura trabalho, bebe muito e perde dinheiro no jogo; Sinhá Vitória – mulher de Fabiano, sofrida, mãe de dois filhos, lutadora e inconformada



com a miséria em que vivem, trabalha muito na vida; filhos – crianças pobres sofridas e que não têm noção da própria miséria em que vivem; Baleia – cadela da família, tratada como gente, muito querida pelas crianças; patrão – contratou Fabiano para trabalhar em sua fazenda e explorava os empregados; e outros personagens – o soldado, seu Inácio (dono do bar). Estes personagens desencadeiam a história em treze capítulos: Mudança; Fabiano; Cadeia; Sinhá Vitória; O Menino Mais Novo; O Menino Mais Velho; Inverno; Festa; Baleia; Contas; O Soldado Amarelo; O Mundo Coberto de Penas; e Fuga.

Graciliano Ramos mostra seu lado regionalista e crítico social ao lembrar a imagem da seca em todos os instantes no seu romance: tudo gira em torno dela. Os retirantes saem de sua terra natal quando a estiagem chega. Ao encontrar uma estadia, lutam contra as dificuldades que ela traz: a falta de água para beber, cozinhar, para cuidar da plantação e do gado, que são o único meio de obtenção de dinheiro para esta família. Quando a seca vai embora e chega o inverno, eles já temem a próxima estiagem e, conseqüentemente, a viagem seguinte. Este ciclo se comprova nas seguintes passagens do romance:

Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos.
(RAMOS, 2000, p. 9)

Estavam no pátio de uma fazenda sem vida. O curral deserto, o chiqueiro das cabras arruinado e também deserto, a casa do vaqueiro fechada, tudo anunciava abandono. (RAMOS, 2000, p. 12)

Estava um frio medonho, as goteiras pingavam lá fora, o vento sacudia os ramos das catingueiras, e o barulho do rio era como um trovão distante.
(RAMOS, 2000, p. 63)

Dentro em pouco o despotismo de água ia acabar, mas Fabiano não pensava no futuro. (...) Não havia o perigo da seca imediata que aterrorizava a família durante meses. (RAMOS, 2000, p. 65)

A vida na fazenda se tornara difícil. (...) viu que tudo estava perdido, combinou a viagem com a mulher, (...) Só lhe restava jogar-se ao mundo, como negro fugido. (RAMOS, 2000, p. 116)

O primeiro capítulo *Mudança* e o último *Fuga* lembram esse ciclo. E por viverem nesse ciclo as personagens sofrem conseqüências, que muitas vezes não são



percebidas por elas. Essas consequências atingem principalmente o psicológico e, conseqüentemente, o comportamento dessas personagens. Tudo está muito ligado, não tem como separar. Mesmo porque, segundo Feldmann, a região assume uma função a serviço da criação psicológica nas personagens de Graciliano.

O MEIO FÍSICO E SOCIAL, E A RELAÇÃO DA SECA COM O BICHO-GENTE DE VIDAS SECAS.

O meio físico e social interferem no comportamento dos personagens de *Vidas Secas*, gerando as ressignificações: bicho-gente, gente-bicho e gente-objeto. Não há como contestar a existência dessas interferências para o sertanejo, pois é como afirma Antonio Candido (1992, p. 48) “os lances da sua vida [sertanejo] são corolários do meio físico e da organização social a ele ajustada”.

O meio físico, ou seja, o espaço, a paisagem, caracteriza-se por uma região semiárida, que conforme Jorge Coelho (1985, passim) tem o clima quente e seco; a cobertura vegetal é representada pela caatinga, com predominância do mandacaru, do xique-xique e do facheiro; os solos são rasos e pedregosos; e a fauna é composta por pequenos animais como tatus, pacos, preás, cotias, veados, onças, codornas, emas e araras azuis. Sendo que o clima se caracteriza por duas estações: o “inverno” e o “verão”, o período de chuvas denomina-se inverno. Mas “quando estas chuvas atrasam ou se distribuem de modo irregular, de forma a prejudicar o crescimento e desenvolvimento das lavouras, diz-se que houve seca”. (p.13-6)

Esta é a paisagem de *Vidas Secas*: a região semiárida castigada pela seca. E como tudo na natureza obedece a um ciclo, o fenômeno da seca também é assim: seca→ inverno→ seca novamente. É nesse ciclo que os personagens do romance vivem, para comprovar é só observar o 1º capítulo, “Mudança”, o 7º, “Inverno”, e o 13º, “Fuga”. Começa-se a história com uma mudança da família de retirantes em busca de uma moradia fugindo da seca, depois que consegue se estabelecer num sítio, inicia-se o inverno no meio do romance, e no final ocorre mais uma vez a seca, e, conseqüentemente, outra fuga com o objetivo de encontrar um domicílio menos hostil para morar. Este ciclo climático influencia muito as reações e relações da família de retirantes.



A caatinga estendia-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas eram ossadas. [...] Tinham deixado os caminhos, cheios de espinho e seixos, fazia horas que pisavam a margem do rio, a lama seca e rachada que escaldava os pés. (GRACILIANO, 2000, p. 9-10)

Dentro em pouco o despotismo de água ia acabar, mas Fabiano não pensava no futuro. [...] Não havia o perigo da seca imediata, que aterrorizara a família durante meses. (GRACILIANO, 2000, p. 65)

A vida na fazenda se tornara difícil. [...] viu que tudo estava perdido, combinou a viagem com a mulher, [...] Só lhe restava jogar-se ao mundo, como negro fugido. (GRACILIANO, 2000, p. 116)

O sonho de sinhá Vitória em ter uma cama de varas, é um exemplo que é posto no livro como um fator de significância para defini-los como gente. Mas Fabiano não pode realizar o desejo de sua mulher, já que para a família é um objeto desnecessário, pois quando tivessem de fazer outra viagem não teria como levar a cama, já a rede é mais fácil de carregar

Ter uma cama significa ter um local para morar, fixar-se em terra própria, bens que a família não possui. Por isso que não tem como realizar esse sonho. A própria sinhá Vitória reconhece que é o sonho é difícil de realizar-se.

Poderiam adquirir o móvel necessário economizando na roupa e no querosene. Sinhá Vitória respondera que isso era impossível, por que eles vestiam mal, as crianças andavam nuas, e recolhiam-se todos ao anoitecer. Para bem dizer, não se acendiam candeieiros na casa. (GRACILIANO, 2000, p. 40)

PSICOLÓGICO E FÍSICO DOS PERSONAGENS

A descrição tanto psicológica como física dos personagens e do ambiente é um ponto crucial no livro. Graciliano expõe a essência de cada momento vivido pelos retirantes e demonstra até onde a seca atinge no que diz respeito ao comportamento.

Essa influência no psicológico, pode ser analisada no comportamento das personagens em dois episódios ocorridos durante viagem. O primeiro foi quando o menino mais velho deitou-se no chão, porque estava cansado e Fabiano, impaciente,



queria deixá-lo lá, mas pensou nos urubus e desistiu, colocando o menino nos ombros e prosseguiu a viagem.

O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou mata-lo. Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça. A seca parecia como um fato necessário – e obstinação da criança irritava-o. (...) Pelo espírito atribulado do sertanejo passou a idéia de abandonar o filho naquele descampado. Pensou nos urubus, nas ossadas, (...) Impossível abandonar o anjinho aos bichos do mato. (RAMOS, 2000, p. 10)

Já que para ele a seca era um fato necessário. Tinha consciência que o menino não era culpado, mas ele estava dificultando a marcha.

O segundo episódio foi quando tiveram de sacrificar o papagaio para matar a fome da família. O papagaio para eles era inútil, pois não sabia falar. Mas como o animal falaria se nem eles mesmos falavam: Resolvera de supetão aproveitá-lo como alimento e justificara-se declarando a si mesma que ele era mudo e inútil. Não podia deixar de ser mudo. Ordinariamente a família falava pouco. (RAMOS, 1993: 11).

Outro momento marcante, na questão do psicológico, ocorre quando o menino mais velho pergunta para a mãe o que significa a palavra inferno. A mãe respondeu que era um lugar muito ruim, o menino não conformava que uma palavra tão bonita servisse para designar coisa ruim e perguntou para a mãe se ela já tinha ido lá, e a mãe respondeu com uns “cocorotes” na cabeça de menino. É como diz Ligia Chiappini (1997: 51) que num mundo onde não há tempo nem disposição para conversas mais longas entre pais e filhos, criança que tem curiosidades intelectuais paga caro. Não havia tempo para conversar se a seca desaparecesse os meninos poderiam perguntar: Livres daquele perigo, os meninos poderiam falar, perguntar, encher-se de caprichos. (RAMOS, 1993: 24)

FABIANO

Como diz a passagem do livro eles não se diferenciavam. Fabiano se compara várias vezes com um bicho: feroz, forte, defendia sua família, etc. Isto para ele era motivo de orgulho, um bicho, capaz de vencer as dificuldades. Existem também momentos em que este vaqueiro se considera um homem, por ter uma moradia e um trabalho. Mesmo que depois se depare com a realidade:



– Fabiano você é um homem, exclamou Fabiano em voz alta. (...) E, pensando bem, ele não era um homem: era apenas um cabra da peste ocupado em guardar as coisas dos outros. (...) – Você é um bicho, Fabiano³. (...) – Um bicho, Fabiano. (RAMOS, 2000, p. 18)

A injustiça aos homens simples foi mostrada em certos momentos: quando Fabiano ia prestar contas com seu patrão e ao ser preso pelo soldado amarelo. Na primeira, sempre achava que estava sendo enganado, ele não tinha estudos, mas sua mulher entendia um pouco de contas e sucessivamente os resultados de suas contas eram distintos das do patrão. A segunda, por ser acusado de ter saído da bodega sem despedir-se, logo após os dois ter perdido tudo no jogo. A seguir os trechos correspondentes:

No dia seguinte Fabiano voltou à cidade, mas ao fechar o negócio notou que as operações de sinhá Vitória, como de costume, diferiam das do patrão. Reclamou e obteve a explicação habitual: a diferença era proveniente de juros. (RAMOS, 2000, p. 93)

E insultou Fabiano, porque ele tinha deixado a bodega sem se despedir. (...) Fabiano impacientou-se e xingou a mão dele. Ai o amarelo apitou, (...) Fabiano marchou desorientado, entrou na cadeia, ouviu sem compreender uma acusação medonha e não se defendeu. (RAMOS, 2000, p. 29,30)

Depois dessa maravilhosa obra e de outras mais, Graciliano Ramos, foi considerado segundo Fontana (1972, p. 267), dentre os escritores da segunda fase, o que teve estilo mais puro. Portanto, um dos representantes melhores representantes da 2ª Fase do Modernismo Brasileiro.

CONCLUSÃO

Assim, ficou evidente a importância do livro *Vidas Secas*, no que diz respeito, ao registro histórico e fiel da seca do nordeste e o martírio que era a vida dos retirantes. Registrada por Graciliano Ramos de uma maneira que realmente tocasse o leitor e levasse-o a refletir sobre as condições de existência dos que sofriam com a estiagem em



longo prazo. Sem esquecer, que o livro retrata não só aquela época, como também, os dias atuais, pois apesar da passagem do tempo o problema permanece e talvez até mais agravado.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 38ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão: Ensaio sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

COELHO, Jorge. *As secas do nordeste e a indústria das secas*. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

FONTANA, Dino F. *Literatura Brasileira - Síntese Histórica*. 3ª ed. São Paulo: Saraiva, 1972.

QUEIROZ, Rachel. *O Quinze*. 93ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1930.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 80ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

FELDMANN, Helmut. *Graciliano Ramos: reflexos de sua personalidade na obra*. Fortaleza: Carnaúba, 1967.